

Território como condição existencial dentro das *religiões* de matrizes africanas no Brasil

Thaíssa Alves Gonçalves Silva

Mestranda em Filosofia na PUC-Rio

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/4133643923376545>

thaissa.agsilva@gmail.com

24

O trabalho busca analisar como as condições de existência das religiões de matrizes africanas estão vinculadas a uma noção e uma produção de território. Nesse sentido, será importante a compreensão da “extensão considerável do conceito de religião” (Wideru, 2010:8), bem como propriamente o de natureza. O objetivo é uma análise das distorções a serem superadas acerca do material e espiritual, e do dualismo entre natural e sobrenatural, sob a metodologia de análises textuais e práticas existenciais a partir das religiões de matrizes africanas. A intenção é construir ferramentas de um diálogo que possa refletir a metafísica das religiões de matrizes africanas diante a manutenção do mundo – ou em outros termos, da preservação ambiental.

As consideradas religiões Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina Maranhense, Xangô Pernambucano e o Batuque Gaúcho são exemplos dessas matrizes que se dividem, de modo geral, em nações que cultuam os Orisàs, Voduns e Inquices. No entanto, é possível encontrar muitas variações, como: angola bantu, angola caboclo, angola jeje queto, ijexá angola, ijexá jeje, jeje angola queto, queto angola ijexá (Fluskman, 2014:68). Em todos os contextos dessas religiões, uma prática comum é a necessidade de uma territorialização dos fundamentos que constituem um território – um *terreiro*. Ou seja, o território aparece como elemento fundamental e fundante da existência para os “povos de santo”, como são comumente chamadas as comunidades praticantes dessas religiões.

O conceito de existência, segundo o pensador Kwasi Wiredu, é intrinsecamente espacial: “existir é estar em algum lugar”. Assim, a noção de espiritualidade neo cartesiana para os povos de matrizes africanas não se apresenta como suficiente, pois esta atribui ao espiritual a uma “não-espacialidade” (Wiredu, 2010, p. 6). A promoção e manutenção da vida territorializada reflete a uma busca da conservação dos seus meios,

onde “a visão qualitativa e sagrada do espaço gera uma consciência ecológica” (Sodré, 2019, p. 65).

O diálogo pode, então, indicar possíveis superações das dicotomias acirradas pela modernidade, onde, a crise ecológica aparece, também, como uma crise ontológica. Nesse sentido, ampliar o corpo protagonista epistemológico se apresenta como um caminho de enfrentamento à soma das crises atuais. A proposta da noção de religião expandida é compreendê-la como um modo de vida que direciona à produção da espiritualidade e, da mesma forma, uma espiritualidade que direciona um modo de vida, refletindo em uma natureza e espiritualidades vinculadas em uma mesma esfera material e metafísica, resultando em uma considerável preservação dos territórios.

Palavras-chave: Território. Natureza. Religião. Matriz africana. Brasil.

Bibliografia

FLAKSMAN, C. M. *Narrativas, Relações e Emaranhados: Os Enredos do Candomblé no Terreiro do Gantois, Salvador, Bahia*. Rio de Janeiro: PPGASMN/UF RJ, 2014.

SODRÉ, M. *O Terreiro e a Cidade: a forma social negro brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

WIREDU, Kwasi. As religiões africanas desde um ponto de vista filosófico. Tradução para uso didático de WIREDU, Kwasi. African Religions from a Philosophical Point of View In: TALIAFERRO, Charles; DRAPER, Paul; QUINN, Philip L. (eds.). *A Companion to Philosophy of Religion*. Second Edition. Malden; Oxford; West Sussex: Blackwell, 2010, p. 34-43, por Lana Ellen T. de Sousa. Revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kwasi_wiredu_-_as_religi%C3%B5es_africanas_desde_um_ponto_de_vista_filos%C3%B3fico.pdf. Acesso em 30 ago. 2024.